

VARIA

LEITORES DA *BELLE ÉPOQUE*: O QUE LIAM OS INTELLECTUAIS DA PASSAGEM DO SÉCULO? (UMA INTERPRETAÇÃO DE *O MOMENTO LITERÁRIO*, DE JOÃO DO RIO)

Maurício SILVA¹

- RESUMO: O presente artigo procura analisar a Literatura Brasileira pré-modernista, a partir de uma perspectiva da leitura. Adotando como paradigma a obra *O Momento Literário* de João do Rio, busca-se revelar tanto o contexto extratextual quanto alguns aspectos estéticos do sistema literário nacional.
- PALAVRAS-CHAVE: João do Rio; leitura; Literatura Brasileira; pré-modernismo.

As influências estrangeiras na cultura literária brasileira sempre foram bastante intensas, a ponto de, não poucas vezes, a literatura nativa ter sido considerada, em algum momento de sua evolução histórica, tributária e - o que é ainda pior - caudatária de literaturas adventícias. Tais considerações, como se era de esperar, acabaram gerando uma curiosa nomenclatura, com o que alguns teóricos e estudiosos do assunto procuraram definir um conjunto de obras literárias produzidas no Brasil durante um determinado período de nossa história: trata-se da Literatura Luso-Brasileira.

Ocorre que, se essa denominação pode adquirir, consoante a perspectiva histórico-analítica que se adote, uma validade para os primeiros momentos de nossa história literária, é fato consumado e assumido pela crítica a perda da influência literária de Portugal sobre o Brasil a partir de meados do século XIX, quando então a Literatura Brasileira passa a se inspirar diretamente em fontes culturais francesas e inglesas, particularmente naquelas, inaugurando um extenso período de criação estético-literária sob os auspícios da cultura gaulesa. Tal influência revelou-se bastante intensa e sistemática, alcançando até mesmo instâncias que, se não fazem parte da literatura *stricto sensu*, participam do conjunto de elementos sócio-culturais que, no seu conjunto, dão um suporte efetivo à prática literária e permitem de forma distintiva a concreção da legibilidade: as escolas, editoras, tipografias, academias, livrarias etc.²

Tanto a questão da literatura propriamente dita (e a problemática da influência literária que lhe é pertinente e inerente) quanto a dos suportes materiais da legibilidade, a que aludimos aqui, remetem à abordagem de um assunto que, embora pareça

¹ Centro Universitário FMU e Faculdades Leonardo da Vinci/São Paulo.

² Para esta questão, podem-se consultar, entre outros, Needell (1993), Hallewell (1985), Oliveira (1997), Signer (1988).

distante dos temas referidos, é na verdade um pressuposto para seu entendimento: a problemática da leitura.

Quem eram os leitores da nossa *Belle Époque* tropical? O que se lia nessa época? E, principalmente, para o que mais de perto nos interessa, quais eram os autores - estrangeiros e nacionais - lidos pela intelectualidade nativa e que, portanto, acabavam influenciando diretamente a produção literária brasileira do período?

São perguntas complexas, que pressupõem um cabedal de informações muito extenso e, sobretudo, uma ampla abordagem das condições sócio-culturais do período em causa. Por esse motivo - e, mais do que isso, por fugir, na sua totalidade, às limitadas intenções desse ensaio - trataremos de algumas delas apenas tangencialmente, procurando enfatizar apenas aqueles aspectos que nos dizem respeito de forma mais direta e incisiva, qual seja o levantamento de livros e autores lidos, na passagem do século, pela intelectualidade nacional.

Por isso, as perguntas acima expostas, qualquer que seja a perspectiva pela qual se tente respondê-las, sugerem a abordagem de pelo menos dois conceitos pertinentes à problemática da leitura no Brasil da época: o analfabetismo que, vez por outra, se apresenta aos olhos dos historiadores, como endêmico; e a produção editorial que, entre todos os seus percalços e saídas, apresenta algumas sutilezas que merecem ser consideradas.

*

Em ambos os casos, é possível perceber um esforço intensivo por parte da crítica e da historiografia especializada para se desfazer equívocos, expor novos conceitos e critérios de avaliação do problema, levantar dados relativos à questão, enfim, esclarecer os pontos obscuros e/ou ainda não devidamente estudados³.

Seria interessante, por isso, numa tentativa de complementação desse esforço, procedermos a uma análise algo diferenciada daquela que até agora tem sido feita, ou seja, tentar compreender o assunto pela exposição da perspectiva de verdadeiras testemunhas-oculares do período em causa, a fim de que possamos perceber mais nitidamente como tanto a problemática do analfabetismo como a da produção livresca eram encaradas por aqueles que as viveram efetivamente.

No que concerne ao *analfabetismo*, por exemplo, não é difícil detectar - de um modo geral - uma certa atmosfera pessimista por parte dos intelectuais do período, já que os mesmos debitavam o prolapado desinteresse pela literatura à falta de educação

³ Consultar, tanto para a questão do analfabetismo quanto para a questão da produção editorial do período, além das obras citadas na nota anterior, os seguintes estudos: Sodré (1977), Bahia (1990), Lajolo (1996), Gomes (1983) e Nagle (1976).

letrada da maioria da população brasileira. Semelhante diagnóstico, contudo, pode esconder alguns fatos menos evidentes, mas que - no final das contas - merecem ser levados em consideração, para os quais, aliás, esses mesmos intelectuais parecem não ter dado a devida atenção ou não ter se conscientizado plenamente, tal como agora - com o distanciamento necessário a uma abordagem histórica mais equânime - é possível fazer: em primeiro lugar, a despeito do pessimismo de que a elite intelectual estava imbuída, deve-se salientar que, de diversas formas e maneiras, o analfabetismo reinante acabou se tornando uma referência à produção literária do período, que se manifestará, muitas vezes, em consonância com as reais condições de legibilidade da população, como aliás já afirmara um dos estudiosos do período, para quem o analfabetismo teria dado “o tom geral à atividade intelectual no Brasil nesse período, (pois) é a partir dele que os escritores assumem as suas posições, é em função dele que definem os seus propósitos” (Sevcenko, 1982).

Em segundo lugar, não custa lembrar que a realização de um processo amplo de alfabetização não reverte - como talvez pensassem os mesmos intelectuais do período - em ganhos reais para a literatura erudita, muitas vezes redundando tal processo num aumento significativo no grau de recepção da cultura de massa, como igualmente já salientara Antonio Candido ao tratar da alfabetização nos dias presentes:

na maioria dos nossos países há grandes massas ainda fora do alcance da literatura erudita, mergulhando numa etapa folclórica de comunicação oral. Quando alfabetizadas e absorvidas pelo processo de urbanização, passam para o domínio do rádio, da televisão, da história em quadrinhos, constituindo a base de uma cultura de massa. Daí a alfabetização não aumentar proporcionalmente o número de leitores da literatura ...; mas atirar os alfabetizados, junto com os analfabetos, diretamente da fase folclórica para essa espécie de folclore urbano que é a cultura massificada. (1989, p. 144-5)⁴

De qualquer maneira, o espírito pessimista frente ao futuro da literatura brasileira - tendo como pano de fundo a carência de uma alfabetização extensiva - persistia, a colorir com traços negros o nosso horizonte cultural. José Veríssimo⁵, por exemplo, afirmava no alvorecer do novo século ser a literatura brasileira uma “literatura de poucos, interessando a poucos”, enquanto que em 1892 Aluísio Azevedo (1938, p. 60) traçava um diagnóstico igualmente desanimador da mesma literatura: “infelizmente a vida literária de hoje no Brasil é uma cousa tão hipotética como a vida elegante na costa d’África”; até mesmo uma publicação algo otimista, com propósitos redentores,

⁴ Na época em estudo, evidentemente, a cultura massificada, à qual os alfabetizados deveriam aderir peremptoriamente, era representada por outros veículos de divulgação - como os jornais e periódicos mundanos - e, principalmente, por outros gêneros literários - como os folhetins (Cf. Meyer, 1996; 1998; 1982).

⁵ José Veríssimo. Revista Literária. *Jornal do Comércio*, 25.07.1900 (apud Sevcenko, 1989, p. 88).

como a célebre *Revista Brasileira*, na sua segunda fase, traçava um quadro não menos negativo, ao proferir o seguinte diagnóstico no editorial de seu primeiro número⁶:

O povo brasileiro - não é sem magoa que o dizemos ... não está ainda preparado para consumir o livro, substancial alimento das organizações viris e fortemente caracterizadas. Faltam-lhe as condições de gosto, instrução, meios, saudavel direcção de espirito, sem as quaes não se pode cumprir a livre obrigação ... de comprar, ler e entender verdades ou idéas colligidas em um volume, cuja leitura demanda largo folego e cujo estudo requer tempo de que o povo em geral não dispõe.

O fato é que o analfabetismo era tido - e não sem uma boa dose de razão - como um de nossos principais vilões culturais: lia-se pouco e a qualidade do que era efetivamente lido deixava a desejar, sobretudo quando se tratava de uma classe média burguesa, urbanizada, semiletrada, ávida em consumir os periódicos mundanos, os romances-para-moças, a novela picante e os folhetins de modo geral.

Semelhante diagnóstico acaba indo ao encontro de alguns testemunhos da época, além dos já citados anteriormente. Em crônica intitulada “Garatujadores”, de 1916, por exemplo, Hermes Fontes (1916, p. 59) lamenta o fato de as modernas escolas de ensino básico não cumprirem seu papel de alfabetizadoras, junto às crianças:

Agora ... com o ensino moderno ... acontece que se dá ou se anuncia dar ás crianças uma rutilante instrução ‘de fachada’ ... de sorte que os meninos e as meninas sahem da escola publica já meios-bachareis, mas ignorantes, não raro, daquellas tres coisas fundamentais - lêr, escrever e contar...;

já Olavo Bilac, em crônica datada de 1907, escrita para o *Correio Paulistano*, lamentava exatamente a impotência governamental diante do analfabetismo que se proliferava entre os adultos, motivo de acanhamento de nossa imprensa diária e nossas casas editoras:

se nos lembrarmos que o Rio tem uma população de, no mínimo, 800 mil habitantes, facilmente reconheceremos que aqui poderiam folgadoamente viver e prosperar alguns cinqüenta jornais; o que se opõe a essa prosperidade de imprensa diária, como à prosperidade dos editores de livros, é o analfabetismo da população adulta. No Rio de Janeiro, a grande massa de trabalhadores braçais é composta de homens que não sabem ler ... Mas, contra o analfabetismo dos adultos, o governo é quase impotente. (Lajolo, 1996, p. 177)

O mesmo diagnóstico, e até um pouco mais pessimista, é possível perceber nas palavras de um crítico respeitado na época, Osório Duque Estrada, que ao responder o inquérito realizado por João do Rio para a *Gazeta de Notícias*, entre 1904 e 1905,

⁶ De autoria anônima, o artigo foi publicado na *Revista Brasileira*, Rio de Janeiro, tomo I, No. 01: 05-07, 1879.

afirma peremptoriamente: “ninguém produz, porque já não há quem leia. O futuro se me afigura ainda pior: a desorganização e a imoralidade no ensino vão preparando novas e mais temerosas ousadias do bacharelismo analfabeto” (Rio, 1994, p. 186).

É fácil perceber pelas opiniões acima proferidas, o quanto se creditava ao analfabetismo grande parte dos problemas que a cultura brasileira em geral e a literária em particular enfrentavam durante nossa precária *Belle Époque*.

No que concerne à *produção editorial*, podemos perceber, sintomaticamente, uma atmosfera pessimista similar à que se impunha diante da problemática da alfabetização. Em primeiro lugar, é preciso lembrar que se vivia um período de particular efervescência cultural, em que a imprensa era cada vez mais requisitada, em que seu poder de divulgação cultural era cada vez mais intenso e em que se verificou um vasto processo de desenvolvimento e modernização da mesma⁷. Isso tudo redundava, evidentemente, numa ampla concorrência entre o jornalismo e a produção literária, com uma sensível desvantagem para o livro, mais caro, extenso e profundo do que o jornal.

Pelo menos, é o que se pode constatar a partir de uma rápida visada em alguns dos testemunhos deixados pelos literatos e intelectuais da época. José Veríssimo (1936, p. 16), por exemplo, escrevendo para *A Imprensa*, em 1913, ainda que deblaterando contra a concorrência - que considerava injusta - entre livros e jornais, afirma de modo categórico: “a literatura faz-se mais no jornal do que no livro, o que basta para lhe explicar a inferioridade. Ha muito mais folhetos do que livros, muito mais escritores do que obras”.

Opinião semelhante, mas agora partindo de uma ótica mais positiva no que diz respeito à importância do jornalismo, é proferida por Barbosa Lima Sobrinho, em 1923: “é um fenômeno universal a preferência que o periódico teve sobre o livro. Ele está mais de acordo com o caráter apressado da vida moderna, interessa mais vivamente pela oportunidade de seus assuntos e pela facilidade de sua leitura” (1997, p. 28).

Se essa disputa entre o jornal e o livro - que se desdobra, aliás, num litígio mais amplo, entre a imprensa e a atividade editorial como um todo - revela, por um lado, uma disseminação mais larga da leitura circunstancial, efêmera e de superfície, por outro lado aponta para uma indefectível crise da leitura metódica e regrada, da leitura intensiva e profunda, da leitura feita com aquele o vagar que requerem os livros de um modo geral e de que fala a *Revista Brasileira* em trecho já citado anteriormente. Quase corresponde, enfim, a um sintomático processo de degeneração da atividade - a um só tempo, lúdica e intelectual, prazerosa e instrutiva - de leitura de livros, resultado aliás de todo um complexo de fatores nimamente determinantes, como parece ter ficado demonstrado até agora.

*

⁷ Cf. Sodré, 1977; Bahia, 1990; Melo, 1973; Albert. & Terrou, 1990; Boivin, 1949.

E, no entanto, lia-se bastante nessa época.

Apesar do pessimismo generalizado, decorrente - em substância - tanto do analfabetismo quanto da decadência da produção editorial livresca, havia uma parcela considerável da população que se dispunha a ler com todas as ressalvas práticas e intelectuais que uma leitura pressupõe. Uma parcela considerável, não exatamente pela quantidade de seus representantes, mas antes pela qualidade dos mesmos: trata-se dos intelectuais da passagem do século que, pelas condições peculiares em que se apresentava o meio cultural brasileiro, emergiam não apenas como os principais produtores de textos literários do período, mas também - e, quiça, principalmente - como seus principais consumidores⁸.

Mas, afinal de contas - voltamos a perguntar -, o que liam os intelectuais brasileiros durante nossa *Belle Époque*?

Um roteiro seguro para se pensar essa questão é, sem dúvida nenhuma, o sugestivo livro de João do Rio, *O Momento Literário*. Publicado sob a forma de livro em 1907, foi, originalmente, uma série de reportagens impressas nas páginas da *Gazeta de Notícias*, entre 1905 e 1905, sob a forma de enquetes. A inspiração, como era comum acontecer - mormente no caso de João do Rio - vinha da França, na obra *Enquête sur l'Évolution Litteraire* (1891), de Jules Huret. A importância do livro de João do Rio para o traçado de um quadro mais ou menos confiável das preferências de nossa intelectualidade nativa é, nesse sentido, incontestável, importância já atestada por um Wilson Martins (1983), na sua radiografia da crítica literária brasileira ou por um Elísio de Carvalho (1907, p. 128), aliás, um dos entrevistados, que escrevera no calor da hora dos acontecimentos: “*O Momento Literário* é um subsídio valioso para o estudo da intelectualidade contemporânea no Brasil, nas suas tendências e aspirações atuais”. Para além de sua importância como documento crítico do período, *O Momento Literário* destaca-se ainda como um autêntico documento jornalístico, obedecendo a uma tendência muito em voga então: o apego à crônica rápida, efêmera, esboço *ao correr da pena* de uma época marcada pela vertigem da velocidade⁹.

Em suas reportagens para a *Gazeta de Notícias*, João do Rio procurou entrevistar aqueles que considerava os principais escritores e intelectuais da época, arrolando uma série de perguntas que repetia a cada um deles, das quais podemos destacar - para o propósito desse ensaio - a seguinte: *para sua formação literária, quais os autores que mais contribuíram?* Embora seja possível, a partir dessa única questão, traçar um perfil seguro daquilo que os intelectuais da nossa *Belle Époque* liam efetivamente, é evidente que os entrevistados não manifestam suas preferências como

⁸ Para uma visada geral das atividades profissionais e intelectuais das mais representativas figuras da *intelligentsia* brasileira, consultar Machado Neto, 1973 e Miceli, 1977.

⁹ A importância de João do Rio - com destaque para *O Momento Literário* - como jornalista pode ser verificada em Sá, 1987; Medina, 1988; Rodrigues, 1996; Ferreira, 1991.

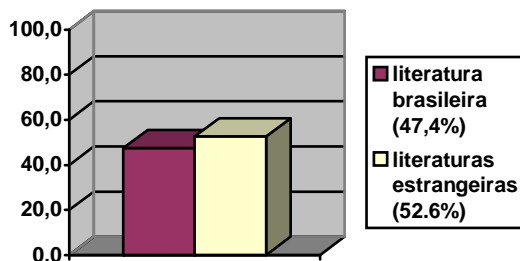
leitores apenas por meio dela, podendo-se verificar manifestações nesse sentido ao longo de toda a entrevista. É por isso que, para nosso levantamento estatístico, consideramos as respostas na sua integridade, destacando toda e qualquer referência a uma obra e/ou autor que pudesse revelar uma leitura próxima ou remota do mesmo: comparações, preferências, críticas, citações, elogios etc.

Cumpr finalmente destacar, ainda, os seguintes critérios que direcionaram nossas análises estatísticas a respeito dos autores mais referidos pelos entrevistados. Evidentemente, em primeiro lugar, eliminaram-se obras e autores citados como tendo sido lidos por outras pessoas próximas aos entrevistados, bem como obras e autores cuja leitura limitou a uma época muito distante daquela da entrevista (como a infância ou os primeiros anos de formação das personalidades estudadas). Em segundo lugar, optou-se por apreciar não apenas aquelas obras e autores que foram explicitamente declarados lidos pelos entrevistados, mas ainda aquelas que mereceram apenas uma breve citação mais ou menos descompromissada, por se considerar que uma citação deveria corresponder, em regra, a uma efetiva leitura da obra e do autor citados. Finalmente, em terceiro lugar, deixou-se de lado, para efeito de estatística, autores e obras que - embora citados - referem-se exclusiva ou preponderantemente a outros discursos que não o literário, como os filósofos, os historiadores, os críticos, os juristas etc.

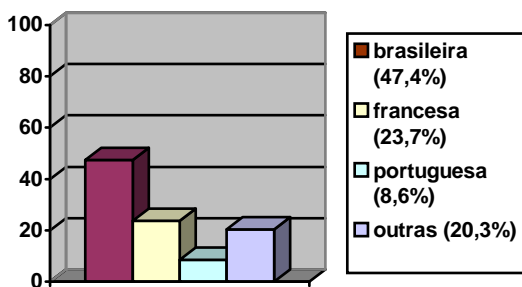
Tudo isso resulta numa amostragem mínima e, indubitavelmente, não tão segura quanto desejávamos: em parte, pelas próprias dificuldades de se estabelecerem critérios precisos numa amostragem heterogênea por natureza; em parte, pelo caráter excessivamente volátil de algumas respostas, o que sugere que nossos intelectuais teriam lido muito mais do que efetivamente declararam ao entrevistador. Dito isso, procedamos à análise de nossa amostragem, pois os dados estatísticos revelam alguns fatos curiosos e, como veremos, sintomáticos da influência da literatura alienígena na cultura brasileira da passagem do século.

*

Das literaturas citadas, quase a metade (47,4%) é constituída de autores brasileiros, sendo a outra parte (52,6%) dividida entre vários autores estrangeiros, oriundos de literaturas diversas. O gráfico abaixo ilustra melhor a divisão referida:



Evidentemente, computam-se aqui as repetições de nomes, já que um mesmo autor podia ser citado por vários entrevistados. Aliás, o levantamento estatístico de *O Momento Literário* aponta para alguns dados curiosos. Sem computar os autores da Literatura Brasileira, compreensivelmente os mais citados, as obras mais lidas provinham da Literatura Francesa, numa época em que tudo o que vinha da França fazia sucesso indiscutível, sobretudo no âmbito cultural e, particularmente, no literário¹⁰. A Literatura Francesa (23,7%) era, ainda, mais lida do que nossa co-irmã, a Literatura Portuguesa (8,6%) que, como aludimos no início, perdia cada vez mais espaço para a expressão gaulesa, conforme esclarece o gráfico abaixo:



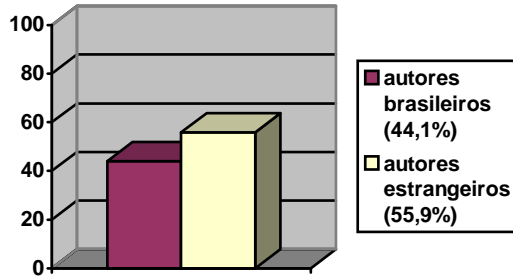
Entre aquelas agrupadas sob a denominação de “outras” (20,3%), contavam-se as de origem clássica, isto é, gregas e latinas (5,9%), inglesa (3,6%), alemã (3,2%), italiana (3%), espanhola (1,9%), russa (0,9%), norte-americana (0,7%) e diversas outras de origem não-especificada ou que não figuram em nosso quadro de forma singularizada pela pouca frequência com que são citadas (1,1%).

Salta aos olhos, contudo, a diferença entre a Literatura Francesa e a Portuguesa, aquela quase três vezes mais lida do que esta, o que comprova o grau de incidência da cultura francesa sobre a brasileira e, além disso, o fato de o idioma não ser necessariamente um entrave para o estabelecimento de relações literárias mais próximas. Outro dado curioso é o fato de as literaturas clássicas serem mais lidas do que as modernas, as quais, pelos estudos sobre o período, eram também bastante influentes em nosso meio nativo, como as de procedência inglesa, alemã, espanhola ou italiana.

*

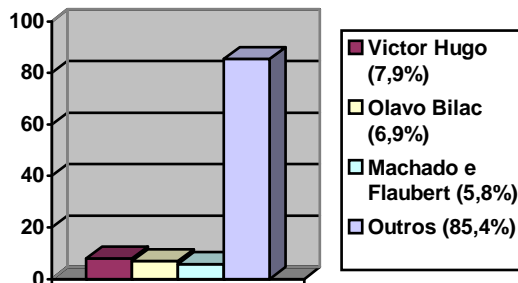
Mas se os dados relativos às literaturas de um modo geral já são curiosos, o que não se dirá a respeito da amostragem de *autores* específicos!

¹⁰A bibliografia sobre o assunto é extensa, podendo-se citar, a título de exemplo, para um panorama das relações culturais franco-brasileiras, Rivas, 1995; Carelli, 1994; Lima-Barbosa, 1923; Carelli, Théry e Zantman, 1987.



Nossas referências agora são outras, não mais a do total de citações, mas a do total de nomes: mais uma vez, quase metade de nomes citados eram de brasileiros (44,1%) e a outra parte de estrangeiros (55,9%), conforme a tabela abaixo:

Do total de 188 nomes citados - sem excetuar os de língua portuguesa e, particularmente os de procedência brasileira - o mais lido de todos era, talvez para nosso próprio espanto, um francês: Victor Hugo (com 15 citações), como aliás já sugeriam alguns estudos sobre a recepção do grande bardo francês no Brasil¹¹. Seguem a ele, Olavo Bilac (13 citações); Machado de Assis e Gustave Flaubert (11 citações); Alberto Oliveira, Coelho Neto, Eça de Queirós, Shakespeare e Zola (10 citações); Aluísio Azevedo, Castro Alves, Fagundes Varela e Gonçalves Dias (9 citações); Graça Aranha, Raimundo Correa, Dante, Goethe e Maupassant (8 citações); e assim por diante. Dados igualmente interessantes: apesar de se destacar o nome isolado de Hugo, prevalece a relação de forças já atestada na amostragem das literaturas: as mais lidas, pela ordem, continuam sendo a brasileira, a francesa e a portuguesa. Isso tudo resulta num gráfico bastante sugestivo, em que se alinham alguns nomes de autores consagrados no período:



¹¹ Além dos estudos citados na nota acima, consultar particularmente Carneiro Leão, 1960.

Considerando que os “outros”, no gráfico acima, correspondem a 184 nomes, salta aos olhos a frequência com que os nomes de Hugo, Bilac, Machado e Flaubert foram citados na entrevista de João do Rio.

Analisando algumas literaturas separadamente, teremos mais algumas informações sugestivas. No que se refere à Literatura Brasileira, há uma questão que perpassa pela problemática da historiografia literária sobre o período, a qual diz respeito ao estabelecimento de um cânone literário para a passagem do século. Com efeito, os autores brasileiros mais lidos eram contemporâneos à época da pesquisa (realistas, naturalistas, parnasianos), seguidos pelos românticos, pelos simbolistas e por outros (barrocos, árcades etc). Entre os mais lidos, ainda, destacavam-se aqueles que, por algum motivo, pareciam estabelecer uma relação estreita com uma certa oficialidade cultural, simbolicamente representada, no período, pela Academia Brasileira de Letras: Bilac, Machado de Assis, Coelho Neto, Alberto de Oliveira, Aluísio Azevedo, Raimundo Correa, Graça Aranha e outros.

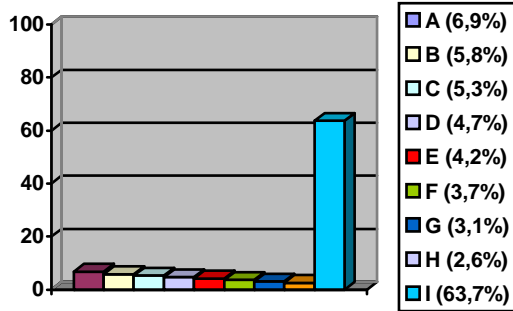
Algumas situações pareceram-nos bastante curiosas e inesperadas. Por exemplo, o fato de Euclides da Cunha, um autor consagrado ainda em vida e tido como um dos mais importantes e criativos de nossa literatura, ter sido menos citado que alguns autores cujo sucesso restringiu-se a um período de tempo relativamente limitado (Curvelo de Mendonça), cuja importância para a literatura nacional pode ser bastante questionada (Luis Delfino) ou de recepção duvidosa entre a intelectualidade do período (Cruz e Sousa). Euclides era, ainda, para nos limitarmos ao âmbito da Língua Portuguesa, menos lido que Eça e Camões. Caso semelhante ao de Euclides da Cunha é o de Alphonsus de Guimaraens, poeta cuja estatura estaria acima de outros menores, simbolistas ou não, como Luís Murat, Martins Júnior, Luís Delfino ou B. Lopes. Outro dado interessante: as mulheres, cuja importância dentro do universo literário brasileiro começava apenas a despontar¹², estavam relativamente bem representadas pelos nomes de Júlia Lopes de Almeida e Francisca Júlia, num universo de entrevistados preponderantemente masculino (apenas Júlia Lopes respondeu à entrevista e, ainda assim, ao lado do marido, Filinto de Almeida).

Vejamos alguns desses dados ilustrados por mais um gráfico, seguindo, para tanto a seguinte tabela, limitada a alguns autores brasileiros:

- A) Bilac;
- B) Machado de Assis;
- C) Alberto Oliveira e Coelho Neto;
- D) Aluísio Azevedo, Castro Alves, Fagundes Varela e Gonçalves Dias;
- E) Graça Aranha e Raimundo Correa;

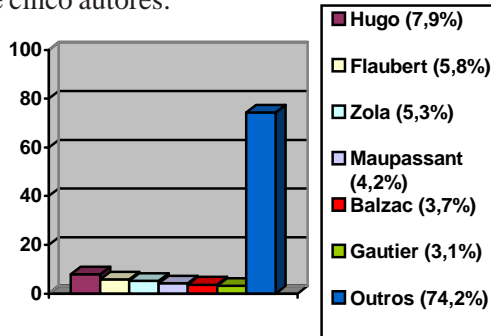
¹²Para a questão da escrita feminina no período, pode-se consultar Eleutério, 1997; Lemos, 1996 e Paixão, 1990.

- F) Curvelo de Mendonça, Cruz e Sousa, José de Alencar e Luís Delfino;
 G) Euclides da Cunha;
 H) Álvares Azevedo, Emílio de Meneses e Luís Murat;
 I) Outros (66 autores).



A análise dos dados relativos aos autores estrangeiros também nos reserva algumas surpresas. Na Literatura Francesa, por exemplo, causa espécie o fato de um autor como Maupassant, a despeito de sua reconhecida importância e valor, ser mais citado (4,2%) - e, quase diríamos, não fosse o desconforto da asserção, mais lido - do que Balzac (3,7%), Musset (2,6%) ou Anatole France (1,5%). Esse último, aliás, foi motivo de mais um mal-estar, ficando atrás de muitos outros autores, bem menos discutidos e influentes no meio intelectual da época, como Daudet, Lamartine ou Leconte de Lisle, todos com 2,1%¹³. Pior do que ele, só mesmo o caso do controverso Bourget (0,5%), que, ao que parece, foi mais comentado do que lido. Como no exemplo brasileiro, são novamente os autores contemporâneos - e “clássicos” - que fazem mais sucesso, embora os simbolistas e decadentistas estejam relativamente bem representados pelos nomes de Baudelaire e Verlaine, ambos com 1,5%.

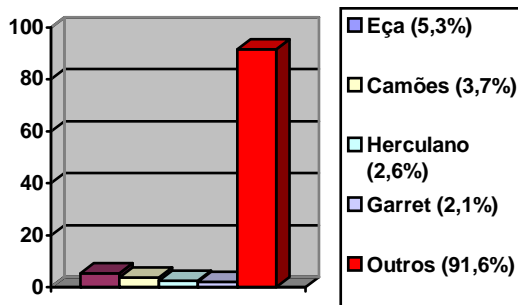
Vejamos, outra vez, um ilustrativo gráfico, contendo alguns dos autores franceses mais citados, em que a aparentemente ampla categoria denominada “outros” corresponde a trinta e cinco autores:



¹³Consultar, a respeito da importância de Anatole France no período, o seguinte trabalho de nossa autoria: Silva, 1996.

Finalmente, vale a pena tecer alguns rápidos comentários sobre os autores representantes da Literatura Portuguesa. O mais lido é, isoladamente, Eça de Queirós (5,3%), um fato igualmente atestado por diversos estudos a respeito da recepção do grande romancista português no Brasil¹⁴. Em seguida, temos Camões (3,7%), Alexandre Herculano (2,6%), Almeida Garret (2,1%) e outros. Fialho de Almeida, nome muito discutido na época, foi um dos menos citados (0,5%), ao lado de figura completamente apagadas, como um João Penha ou Macedo Papança.

Temos, assim, o seguinte esquema, sendo que os “outros” correspondem agora a 14 autores portugueses:



*

Os dados estatísticos acima expostos, ilustrados por seus respectivos gráficos, guardam alguns fatos importantes e sugestivos, acerca da leitura entre os intelectuais brasileiros do começo do século. O primeiro deles diz respeito à recepção de literaturas estrangeiras no Brasil, confirmando uma desconfiança há muito tempo presente nos estudos sobre a época: sem dúvida alguma, a Literatura Francesa continua sendo aquela que mais influência exerceu na cultura literária nacional, sendo seguida - mas à distância - da Portuguesa. O próprio fato de Victor Hugo ter sido o autor mais citado de toda a enquete - na frente de nomes como os de Camões, Shakespeare, Dante, Cervantes ou Goethe, para citar apenas os grandes clássicos universais - já é um indício sugestivo dessa assertiva.

O segundo fato refere-se à questão candente do estabelecimento de um cânone para o período pela historiografia literária: ao contrário do que sugerem os mais recentes manuais de literatura brasileira a respeito dessa época, a passagem do século afirma-se como um momento privilegiado da produção intelectual, legando-nos nomes de indiscutível importância para nosso cenário cultural; a par disso, urge realizar uma revisão do cânone consagrado atualmente pela nossa historiografia, a fim de corrigir distorções até agora mantidas por critérios reducionistas: apesar da importância inegável

¹⁴ Cf. Reis, 1945; Faro, 1977; Monteiro, 1941; Bello, 1917 e Silva, 1996.

e até da qualidade indiscutível de autores como Lima Barreto, Monteiro Lobato e Augusto dos Anjos, esses foram os grandes ausentes da entrevista, não tendo sido citados uma única vez, apesar de terem sido alçados pela historiografia mais recente como os maiores representantes da literatura pré-modernista. Mesmo os nomes representativos de Graça Aranha e Euclides da Cunha, deve-se lembrar, ficaram abaixo dos de Aluísio Azevedo, Coelho Neto, Fagundes Varela, Alberto de Oliveira e outros, em muitos aspectos considerados escritores menores pelas Histórias de Literatura. O que queremos dizer, afinal de contas, é que uma historiografia que se queira mais justa e equânime deve, também, além de empregar critérios de natureza ideológica e estética, lançar mão de critérios pragmáticos, que levem em consideração a recepção, o acolhimento e a circulação de obras e autores que compõem nosso sistema literário. Somente assim teremos um quadro mais justo e exato do que realmente era a literatura produzida em nossa *Belle Époque* e, para o que nos interessa aqui, quais eram de fato os autores mais lidos e, portanto, para uma certa camada intelectualizada da sociedade, mais importantes desse período.

SILVA, M. Readers of the Belle Époque: what did turn-of-the-century intellectuals read? (An interpretation of João do Rio's *O Momento Literário*). **Itinerários**, Araraquara, n. 17, p. 223-237, 2001.

- *ABSTRACT: The present article analyses the cultural context of Brazilian pre-modernism from the reading perspective and points out the relations between representative authors from Brazilian and world literature. Taking João do Rio's O Momento Literário as a paradigm, the reading perspective will reveal the extra-textual context of the literary system, as well as some aesthetic and literary aspects of turn-of-the-century Brazilian Literature.*
- *KEYWORDS: João do Rio; reading; Brazilian Literature; pre-modernism.*

Referências Bibliográficas

ALBERT, P.; TERROU, F. **História da imprensa**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

AZEVEDO, A. **O touro negro**. Rio de Janeiro: Briguiet, 1938.

BAHIA, J. Jornal, história e técnica. In: _____. **História da imprensa brasileira**. São Paulo: Ática, 1990.

BELLO, J.M. As idolatrias litterarias: Eça de Queiroz e a sua influência no Brasil. In: _____. **Estudos críticos**. Rio de Janeiro: J. R. dos Santos, 1917.

BILAC, O. **Vossa Insolência** (Org. A. Dimas). São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

BOIVIN, É. **Histoire du journalisme**. Paris: Presses Universitaires de France, 1949.

- CANDIDO, A. Literatura e subdesenvolvimento. In: _____. **A educação pela noite e outros ensaios**. São Paulo: Ática, 1989. p. 140-62.
- CARELLI, M. **Culturas cruzadas**; intercâmbios culturais entre França e Brasil. Campinas: Papirus, 1994.
- CARELLI, M.; THÉRY, H.; ZANTMAN, A. **France-Brésil: bilan pour une relance**. [S.l.]: Entente, 1987.
- CARNEIRO LEÃO, A. **Victor Hugo no Brasil**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1960.
- CARVALHO, E. de. **As modernas correntes estéticas na literatura brasileira**. Rio de Janeiro: Garnier, 1907.
- ELEUTÉRIO, M. de L. **De esfinges e heroínas**; a condição da mulher letrada na transição do fim do século. 1997. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997.
- FARO, A. **Eça e o Brasil**. São Paulo: Nacional, 1977.
- FERREIRA, J. A. Tempos de irreverência: Rio de Janeiro. **D. O. Leitura**, São Paulo, v.10 n.114, p. 12-13, nov. 1991.
- FONTES, H. **Juizos ephemeros**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1916.
- GOMES, S. de C. **Bibliotecas e sociedade na primeira república**. São Paulo: Pioneira, 1983.
- LAJOLO, M., ZILBERMAN, R. **A formação da leitura no Brasil**. São Paulo: Ática, 1996.
- LEMOS, L. F. M. de. O papel da mulher enquanto escritora: uma análise de textos em prosa no início do século. **Leitura**, Alagoas, n. 18, p.109-133, jul./dez.1996.
- LIMA-BARBOSA, M. de. **Les français dans l’histoire du Brésil**. Paris: Blanchard, 1923.
- MACHADO NETO, A. L. **Estrutura social da república das letras**: sociologia da vida intelectual brasileira. 1870-1930. São Paulo: Grijalbo, 1973.
- MARTINS W. **A crítica literária no Brasil**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983. 2 v.
- MEDINA, C. Notícia. Um produto à venda: jornalismo na sociedade urbana e industrial. São Paulo: Summus, 1988.
- MELO, J.M. de. **Sociologia da imprensa brasileira**. Petrópolis: Vozes, 1973.
- MEYER, M. **Folhetim**: uma história. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- MEYER, M. **As mil faces de um herói-canalha e outros ensaios**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1998.
- MEYER, M. Folhetim para Almanaque ou Rocambole: a Ilíada de Realejo. **Almanaque**, São Paulo, n. 14, p.7-22, 1982.

MICELI, S. **Poder, sexo e letras na República Velha**: estudo clínico dos anatólios. São Paulo: Perspectiva, 1977.

MONTEIRO, M. Eça de Queiroz e o Brasil. **Vamos Ler**, Rio de Janeiro, n. 269, p. 22-52, set. 1941.

NAGLE, J. **Educação e sociedade na primeira república**. São Paulo: EPU, 1976.

NEEDEL, J. D. **Belle époque tropical**: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século. São Paulo: Companhia das Letras, 1993

O POVO brasileiro. **Revista Brasileira**, Rio de Janeiro, v.1, n.1, 1879.

PAIXÃO, S. P. O olhar condescendente: crítica literária e literatura feminina no século XIX e início do século XX. **Travessia**, Florianópolis, n. 21, p. 50-63, 1990.

REIS, A. S.dos. **Eça de Queiroz no Brasil**. Rio de Janeiro: Zelio Valverde, 1945.

RIO, J. do. **O Momento Literário**. Rio de Janeiro: Fund. Bibl. Nacional – Dep. Nacional do Livro, 1994.

RIVAS, P. **Encontro entre literaturas**: França - Portugal - Brasil. São Paulo: Hucitec, 1995.

RODRIGUES, J. C. **João do Rio**; uma biografia. Rio de Janeiro: Topobooks, 1996.

SÁ, J. de. **João do Rio**; à margem da modernidade? 1987. Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1987.

SEVCENKO, N. **Literatura como missão**: tensões sociais e criação cultural na primeira república. São Paulo: Brasiliense, 1989.

SEVCENKO, N. O fardo do homem culto: literatura e analfabetismo no prelúdio republicano. **Almanaque**: Cadernos de Literatura e Ensaio, São Paulo, n 14, p. 80-83, 1982.

SIGNER, R. **Academia brasileira de letras**: nacionalismo à francesa. 1988. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1988.

SILVA, M. Anatole France e anatólios no Brasil. **Quadrant**. Montpellier, n. 13, p. 47-56, 1996a.

SILVA, M. Influências queirosianas. **Leopoldianum**: Revista de Estudos e Comunicações, Santos, v. 22, n. 60, p.119-22, abr. 1996b.

SODRÉ, N. W. **História da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Graal, 1977.

SOBRINHO, B. L. **O problema da imprensa**. São Paulo: EDUSP, 1997.

VERÍSSIMO, J. **Letras e literatos**: estudinhos críticos da nossa literatura do dia. 1912-1914. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1936.

